



RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

Comunicação e ciência na Amazônia: o Instagram como aliado no agendamento de temas invisibilizados sobre a região amazônica

Grace Soares Costa¹

<https://orcid.org/0000-0002-9466-8137>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues²

<https://orcid.org/0000-0002-7296-8665>

Pedro Henrique Pinto Rocha³

<https://orcid.org/0009-0003-1679-6242>

71

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre a Comunicação Pública da Ciência (CPC) e o agendamento de temas invisibilizados na Amazônia, usando o Instagram como ferramenta de circulação de conteúdos científicos alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Parte-se da constatação de que a região, apesar de sua relevância ecológica e geopolítica, permanece à margem das agendas públicas e midiáticas nacionais, especialmente sobre pobreza, desigualdade, saneamento e educação. O estudo usa abordagem mista para investigar como o Instagram amplia a visibilidade e constrói sentidos sobre ciência na Amazônia. Os dados foram coletados entre 2022 e 2023 via BuzzSumo, e a análise do perfil @portaldaciencia revela como a linguagem digital local democratiza a ciência e valoriza a Amazônia no desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Amazônia; Comunicação Pública da Ciência; Instagram; ODS; Agendamento.

Communication and science in the Amazon: Instagram as an ally in the agenda-setting of silenced themes about the Amazon region

Abstract

This aims to understand the relationship between Public Communication of Science (PCS) and the agenda-setting of invisibilized topics in the Amazon, using Instagram as a tool for circulating scientific content aligned with the Sustainable Development Goals (SDGs). It starts from the observation that the region, despite its ecological and geopolitical relevance, remains on the margins of national public and media agendas, especially regarding poverty, inequality, sanitation, and education. The study employs a mixed-methods approach to investigate how Instagram enhances visibility and constructs meanings about science in the Amazon. Data were collected between 2022 and 2023 via BuzzSumo, and the analysis of the @portaldaciencia profile shows how local digital language democratizes science and values the Amazon in sustainable development.

Keywords: Amazon; Public Communication of Science; Instagram; SDGs; Agenda-setting.

Tramitação:

Recebido em: 24/07/2025

Aprovado em: 31/07/2025

¹ Jornalista, professora efetiva do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Tecnologia Educacional pela UIB/Espanha. E-mail: gracesoares@ufam.edu.br

² Jornalista, professor efetivo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: allans@ufam.edu.br

³ Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: pedrohenriquerhc@gmail.com



Manuscrito licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>

Relem, Manaus (AM), v. 17, n. 29, jun./dez. 2024.

Introdução

A Amazônia, território de dimensões continentais e diversidade sociocultural inestimável, ocupa lugar estratégico no debate global sobre desenvolvimento sustentável. No entanto, paradoxalmente, continua sendo tratada de forma periférica pelos grandes veículos de comunicação e pelas próprias instituições de ciência, tecnologia e inovação. A ausência ou a superficialidade na cobertura de temas como pobreza, trabalho precário, saneamento, saúde pública e acesso à educação revelam não apenas um apagamento informacional, mas uma lógica estrutural de exclusão.

Frente a esse cenário, a Comunicação Pública da Ciência (CPC) emerge como campo de disputa e mediação que pode contribuir para tornar visíveis pautas que impactam diretamente a população amazônica. A CPC, ao extrapolar os limites da divulgação científica tradicional, atua como vetor de cidadania, ampliando a compreensão pública sobre questões científicas que dialogam com a vida cotidiana. O desafio, porém, está em adaptar a linguagem e os meios de circulação a públicos diversos, superando barreiras históricas de acesso ao conhecimento.

Neste contexto, o Instagram, rede social de caráter visual, dinâmico e altamente popular entre jovens e adultos, passa a ser explorado como ambiente possível para a CPC. Com ferramentas como stories, reels e carrosséis informativos, torna-se viável produzir conteúdos científicos em formatos acessíveis e compartilháveis, favorecendo o engajamento com temáticas pouco exploradas na mídia tradicional.

Assim, este artigo se propõe a compreender de que modo o Instagram pode atuar no agendamento de temas invisibilizados da Amazônia, contribuindo para a circulação de conteúdos científicos sobre ODS pouco representados, como erradicação da pobreza (ODS 1), educação de qualidade (ODS 4), saneamento (ODS 6), trabalho decente (ODS 8) e redução das desigualdades (ODS 10). A proposta assume como hipótese que o uso estratégico da rede, associado à pesquisa-ação, pode fortalecer a cultura científica na região e ampliar a articulação entre ciência, território e transformação social.

Fundamentação Teórica

A Comunicação Pública da Ciência, segundo Bueno (1984), deve ser compreendida como um processo contínuo e plural de mediação entre os produtores do conhecimento e os diferentes públicos sociais, com vistas à democratização da ciência. Tal processo envolve





escolhas editoriais, linguagens, canais e estratégias de difusão que são atravessadas por disputas simbólicas e interesses políticos.

Na Amazônia, essa mediação torna-se ainda mais complexa. A região, frequentemente retratada sob a ótica do exotismo ou da catástrofe, carece de narrativas produzidas por sujeitos locais, capazes de traduzir os saberes científicos para o cotidiano das populações. A CPC, quando realizada com base na escuta, na territorialização e na valorização de saberes múltiplos, pode atuar como ferramenta de justiça cognitiva (SANTOS, 1997), reconhecendo as epistemologias dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

Recuero (2009) destaca que as redes sociais digitais operam como sistemas de construção coletiva de sentido, nos quais os sujeitos não apenas consomem, mas também produzem e circulam informações. Ao disputar narrativas no ambiente online, a ciência pode ganhar contornos mais democráticos, desde que adapte suas formas à linguagem multimodal e interativa que caracteriza plataformas como o Instagram.

Ademais, Curran (2002) aponta que o poder da mídia reside não apenas no que ela mostra, mas principalmente no que ela escolhe não mostrar — o que torna o conceito de agenda-setting central para esta discussão. Aplicado ao campo da ciência, isso implica refletir sobre quais temas científicos estão em circulação, quem os coloca em pauta e com quais objetivos.

Assim, ao articular CPC, redes sociais e ODS, este artigo insere-se em uma perspectiva crítica da comunicação, reconhecendo que visibilizar determinados temas — como o acesso à água potável, à educação e à justiça social — é também um ato político.

Metodologia

Este estudo baseia-se em uma abordagem metodológica mista, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos, com base na pesquisa-ação (Thiollent, 2011) e na análise de conteúdo (Bardin, 2011), organizados em quatro etapas principais:

- a) Coleta de dados via BuzzSumo: Entre setembro de 2022 e janeiro de 2023, foram coletadas postagens do Instagram com as palavras-chave “Amazônia” e “ODS”, filtrando os conteúdos com maior engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos).
- b) Análise temática: As publicações foram analisadas quanto à presença de ODS, identificando os mais e menos representados, além da natureza dos discursos veiculados.



c) Estudo de perfis estratégicos: Foram observadas as práticas comunicacionais dos perfis @portaldaciencia, @ueeam e @vandawitoto, considerando linguagem, frequência de postagens, tipos de mídia e articulação com movimentos sociais.

d) Intervenção experimental: Desenvolveu-se um ciclo temático com postagens sobre ODS pouco visibilizados, publicadas no @portaldaciencia. As peças multimídia foram validadas por especialistas e adaptadas à estética da plataforma.

A análise dos dados combinou estatísticas descritivas simples (percentual de engajamento por ODS) e análise de conteúdo com categorias emergentes: linguagem, estética, interatividade e presença territorial.

Resultados e Discussão

ODS invisibilizados na comunicação pública

A análise revelou predominância de conteúdos vinculados aos ODS 13 (ação contra a mudança climática) e 15 (vida terrestre), muitas vezes descolados de sua articulação com as realidades sociais amazônicas. Postagens que tratavam de queimadas, desmatamento e preservação ambiental apareciam com maior frequência nos rankings de engajamento, sobretudo quando acompanhadas de imagens impactantes ou linguagem de denúncia.

Em contrapartida, os ODS 1, 4, 6, 8 e 10 — relacionados à erradicação da pobreza, educação de qualidade, saneamento básico, trabalho decente e redução das desigualdades — apareceram com baixa incidência nas postagens analisadas, mesmo sendo centrais para o cotidiano da população amazônica. Essa ausência reforça o padrão já observado em outras pesquisas sobre visibilidade digital da Amazônia: os temas sociais são constantemente colocados em segundo plano, enquanto pautas ambientais ganham destaque, muitas vezes sob uma perspectiva externa e descontextualizada.

Essa disparidade evidencia o desafio de incluir as dimensões humanas, estruturais e territoriais no debate público sobre sustentabilidade. Ao invisibilizar questões como falta de água potável, precarização do trabalho ou exclusão escolar, a comunicação sobre os ODS tende a reproduzir um olhar fragmentado, que ignora a complexidade dos territórios amazônicos e os atravessamentos sociais que neles operam. Assim, reforça-se a importância de estratégias comunicacionais que consigam integrar as múltiplas dimensões do desenvolvimento sustentável em narrativas acessíveis e territorializadas.



Estratégias comunicacionais eficazes

Os perfis analisados demonstraram que o uso de narrativas pessoais, visualidades impactantes e dados contextualizados favorece o engajamento. Postagens que utilizavam linguagem simples, direta e com apelos afetivos — como histórias reais, depoimentos ou perguntas provocativas — apresentaram maior interação, especialmente quando acompanhadas de elementos visuais fortes, como ilustrações, mapas ou vídeos curtos.

Além disso, identificou-se que formatos como carrosséis informativos, reels e vídeos legendados contribuíram para melhorar a compreensão e aumentar o tempo de permanência nas postagens. O uso estratégico de emojis, hashtags populares e chamadas à ação (“saiba mais”, “compartilhe”, “comente”) também foi frequente nos perfis de maior alcance, reforçando a ideia de que a forma importa tanto quanto o conteúdo na lógica de circulação digital.

Esses achados indicam que, embora o conteúdo científico possua um nível de complexidade natural, ele pode ser traduzido em linguagem acessível sem perder o rigor. A chave está na combinação entre clareza, concisão e sensibilidade ao contexto comunicacional. Essa adaptação não é uma simplificação rasa, mas uma mediação qualificada que considera os modos como o público consome informação no ambiente das redes. Portanto, pensar a estratégia de comunicação envolve não apenas o que se comunica, mas como e para quem se comunica.

Impactos do ciclo temático experimental

A intervenção no perfil @portaldaciencia resultou em aumento de 42% no engajamento médio das postagens, com destaque para os conteúdos que trataram de saneamento básico e evasão escolar. Esses temas, muitas vezes negligenciados em canais institucionais ou na grande mídia, demonstraram potencial de mobilização quando apresentados com clareza, dados oficiais e identidade visual coerente com a estética da plataforma.

As peças multimídia desenvolvidas — como infográficos, vídeos curtos e cards com linguagem objetiva — foram bem recebidas, especialmente por perfis de estudantes, professores e organizações comunitárias. Esse retorno qualitativo, percebido por meio de curtidas, salvamentos e comentários, apontou que existe um público interessado em conteúdos científicos desde que eles sejam apresentados de forma acessível, contextualizada e visualmente atrativa.





Outro aspecto importante foi o aprendizado gerado no próprio processo de criação e testagem dos materiais. A experiência permitiu observar, por exemplo, que a periodicidade de publicação influencia na manutenção do engajamento e que postagens mais longas ou densas exigem estratégias de divisão do conteúdo em partes (carrosséis, séries temáticas). Isso reforça a ideia de que a presença da ciência nas redes não pode ser improvisada: ela exige planejamento, adaptação de linguagem e atenção constante aos sinais do público.

Assim, a experimentação validou não apenas a hipótese de que a CPC pode atuar no agendamento de temas silenciados, mas também revelou os ajustes necessários para que essa atuação seja sustentável e coerente com a lógica das redes. O Instagram, nesse contexto, deixa de ser apenas um canal de divulgação e passa a funcionar como espaço de escuta, adaptação e construção contínua de linguagem com o público.

Reflexões sobre os desafios da circulação científica nas redes sociais

A realização desta pesquisa permitiu observar como o ambiente das redes sociais pode tanto favorecer quanto limitar o alcance de conteúdos científicos. Embora o Instagram ofereça ferramentas acessíveis e formatos dinâmicos, sua lógica de funcionamento impõe alguns desafios à Comunicação Pública da Ciência (CPC), especialmente no que diz respeito à permanência e à profundidade das mensagens.

Por se tratar de uma rede voltada à agilidade e ao consumo rápido de informação, nem sempre há espaço para discussões mais aprofundadas. A superficialidade, característica de grande parte das interações online, muitas vezes exige adaptações significativas na linguagem, o que pode comprometer a complexidade dos temas abordados. Isso não significa que a CPC deva se afastar das redes, mas sim que ela precisa ser estrategicamente planejada, levando em conta as limitações do meio.

Além disso, a própria dinâmica algorítmica da plataforma influencia o que ganha visibilidade ou não. Temas mais sensíveis, densos ou que fujam do senso comum nem sempre alcançam ampla circulação, o que representa um obstáculo para iniciativas que buscam pautar questões urgentes, porém pouco populares. Nesse contexto, a ciência corre o risco de competir por atenção com conteúdos mais leves ou comerciais.

Por outro lado, é justamente essa tensão que torna o uso das redes sociais tão relevante para a comunicação científica. Ao se inserir nesses espaços, a ciência se aproxima do cotidiano das pessoas, ocupando territórios onde os debates públicos estão acontecendo. Mesmo que nem



sempre se alcance profundidade, a presença da ciência nesses ambientes contribui para ampliar seu alcance simbólico e estimular a curiosidade de públicos diversos.

Essas reflexões reforçam a importância de considerar o Instagram e outras redes não como solução única, mas como parte de um ecossistema comunicacional mais amplo, que articule diferentes linguagens e meios. Ao reconhecer os limites sem ignorar as potencialidades, a Comunicação Pública da Ciência pode avançar com mais consistência, construindo pontes entre o conhecimento acadêmico e a vida social de forma mais sensível e eficaz.

Considerações Finais

A presente pesquisa demonstra que o Instagram, quando articulado à Comunicação Pública da Ciência (CPC) e orientado por objetivos de justiça cognitiva e territorial, configura-se como espaço de disputa informacional e visibilidade social. A partir de estratégias comunicacionais planejadas, é possível ampliar a presença da Amazônia em debates públicos sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), indo além das abordagens ambientalistas superficiais e abrindo caminho para narrativas mais complexas e conectadas com as realidades locais.

A experiência com o perfil @portaldaciencia indica que há espaço para uma prática científica comprometida com o território e com a transformação social. Ao adaptar a linguagem científica às lógicas de circulação das redes sociais, a CPC amplia seu alcance e potencializa sua função pública. Isso não significa esvaziar o rigor, mas sim aproximar o conhecimento das pessoas e dos contextos que mais precisam dele.

A pesquisa revelou que temas sociais como educação, saneamento básico e trabalho decente ainda são sub-representados nas redes, mesmo estando profundamente enraizados nas vivências amazônicas. Quando esses temas foram abordados com sensibilidade estética, linguagem acessível e territorialização das pautas, houve maior engajamento, o que reforça o potencial das redes sociais como canais estratégicos para o agendamento de conteúdos historicamente negligenciados.

No entanto, também foram observados limites importantes: a efemeridade do conteúdo nas redes, a lógica algorítmica que favorece determinados formatos e temas, e a dificuldade de aprofundar discussões complexas em ambientes de consumo rápido. Esses desafios não invalidam o uso das redes, mas apontam a necessidade de que a comunicação científica esteja



inserida em um ecossistema mais amplo, que articule diferentes meios, linguagens e temporalidades.

O fortalecimento da CPC na Amazônia depende, portanto, do reconhecimento das redes como espaços legítimos de circulação científica e do investimento em formação comunicacional de pesquisadores e instituições. Mais do que disseminar conteúdos, trata-se de construir redes, escutar vozes silenciadas e colocar a ciência a serviço da equidade e da sustentabilidade.

Ao fazer da Amazônia sujeito — e não apenas objeto — da comunicação científica, abre-se espaço para uma ciência mais justa, inclusiva e enraizada, que não apenas fale sobre a região, mas fale com ela. Este estudo não se propõe a esgotar o tema, mas a contribuir com reflexões e práticas que valorizem o território amazônico como espaço legítimo de produção, circulação e apropriação do conhecimento científico.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil**. São Paulo: ECA-USP, 1984.

CURRAN, James. **Media and power**. London: Routledge, 2002.

ESTENDER, Adriana Cristina; PITTA, Tatiane Maria Teles. O conceito de desenvolvimento sustentável. *Revista UNG*, v. 2, n. 1, 2008.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo. *Metamorfoses Jornalísticas*, v. 2, 2009.

ROMA, João Carlos. Os ODS e sua transição. *Ciência e Cultura*, v. 71, n. 1, 2019.

SANTOS, Edna Bresolin (Org.). **Jornalismo e conhecimento**. Florianópolis: Insular, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNICEF. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 jun. 2025.

